



PROMETEUS - FILOSOFIA



MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

Julho - Dezembro de 2014 - volume 7 - Ano 7 - N. 16

ISSN: 2176-5960

NOTAS SOBRE A 'VIDA DE PIRRO'

Rodrigo Pinto de Brito
Doutor em Filosofia pela PUC-Rio
DFL-UFS

RESUMO: Uma investigação da atribuição de um determinado arcabouço conceitual (como *epoché*, *ataraxia* e *adiaphoria*) à Pirro, de acordo com o relato de sua "Vida", por Diógenes Laércio, em *D.L.* IX, 61-71. Assim, oferecendo uma interpretação sobre a possível utilização destes conceitos pelo próprio Pirro.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia. Doxografia. Ceticismo. Pirro. Arcabouço conceitual.

ABSTRACT: An investigation of the attribution of a determined conceptual framework (as *epoché*, *ataraxia* and *adiaphoria*) to Pyrrho, according to the narration of his "Life" written by Diogenes Laertius, in *D.L.* IX, 61-71. So, we offer an interpretation about the possibility of the Pyrrho's own utilization of these concepts.

KEYWORDS: Biography. Doxography. Skepticism. Pyrrho; Conceptual framework.

O principal objetivo deste artigo é analisar aspectos biográficos sobre Pirro de Élide (c. 365-270 a.C.), notadamente a partir de Diógenes Laércio, mas antes, ciente das críticas que comumente se faz a *D.L.*¹ — de que (i) apresenta mais um anedotário sobre as filosofias do que as próprias filosofias (ii) justamente por ser um escritor que não se compromete com as fontes ou com as datas, (iii) em suma, com a própria veracidade — desejamos fazer uma defesa, ainda que breve, dessa importante fonte, assim:

1º- não havia na época de *D.L.* (séc. III d.C.) um rigor de citações para sistematização de biografias, de fato, não é estranho que ele não se importasse com isso, estranho e anacrônico é esperar que ele devesse se importar com isso, por que, de um modo geral

As biografias da Antiguidade grega podem parecer estranhas e fantasiosas ao leitor contemporâneo. Um amálgama de história, lenda e ficção, apresentam uma série de dificuldades interpretativas que frustram as tentativas de aproximá-las do gênero Moderno ao qual correspondem. Motivações distintas — literárias, morais, encomiásticas, exortativas, polêmicas ou apologéticas — concedem grande variedade à produção biográfica antiga, dificultando sobremaneira a tarefa de caracterizá-la.²

Portanto, apesar de não se dever pretender uma biografia real, pode-se pretender ouvir ecoar nos relatos compilados em cada uma das ‘vidas’ as motivações das fontes originais, sejam elas “literárias, morais, encomiásticas, exortativas, polêmicas ou apologéticas”.

2º- Se há realmente inúmeras anedotas entre os relatos das ‘vidas’, bem como elementos míticos e fantásticos, isso não deve ser visto como demérito, na verdade, justamente “um dos méritos da obra ora traduzida é a evocação da atmosfera do mundo em que viveram os filósofos Antigos”³.

3º- Se não obstante as críticas a *D.L.* persistirem, devemos desprezar todo seu conteúdo e assumir a impossibilidade de conhecer diversos detalhes das filosofias dos milésios, pitagóricos, eleatas e dos chamados ‘socráticos menores’, por exemplo, algo que dificilmente se concederia,

¹ Abreviatura por meio da qual de agora em diante nos referiremos à obra ‘*Vidas e doutrinas dos filósofos*’.

² GAZZINELLI, G. G. *A Vida Cética de Pirro*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

³ Introdução de Mário da Gama Kury à sua tradução de *D.L.* (Brasília: Editora UnB, 2009), segunda edição, p. 09.

(4º) porque *D.L.*, em muitos dos casos, como na própria *Vida de Pirro*, cita suas fontes, muitas delas contemporâneas e comensais do biografado, fontes que podem ser comparadas com outras, gerando exegeses bastante satisfatórias, ainda que longe de inequívocas, aliás, como parece ser tudo na filosofia.

Ademais, como nos indica A. A. Long⁴, se “o estilo anedótico de Diógenes Laércio é muitas vezes um obstáculo à transmissão de informações filosóficas”, por outro lado, em alguns casos, “aforismos devem ser entendidos como veículos essenciais”. Long refere-se especificamente ao cão Diógenes de Sínope, que inaugura a tradição cínica dos “ditos” ou “máximas”, “*χρεῖαι*” ou “*ἀποφθέγματα*”, que eram transmitidos em coletâneas e que serviram de matéria-prima para compiladores como *D.L.* Mas, após Diógenes de Sínope, tem-se a larga difusão das “*γνώμολογίαι*”, e as coletâneas chegam a se tornar um modismo literário, que infelizmente só conhecemos de segunda mão, mas que chegou até Epicteto e Luciano⁵, por exemplo. Assim, é possível que também houvesse *χρεῖαι* sobre Pirro, já que elas passaram a se aplicar a todo filósofo que estava inserido numa tradição pós-socrática e Helenística, “uma tradição reconhecivelmente grega — um filósofo que caminhava e falava” e que deveria ser compreendido por sua ação prática, registrada em anedotas que narram suas supostas atitudes diante de obstáculos corriqueiros.

Mas não nos alonguemos mais nessa alteração e passemos adiante para emprendermos uma análise passo a passo de *D.L.* IX 61-71, seguiremos, salvo em poucas ocasiões, a tradução bilíngue espelhada grego/português de Gazzinelli, que utilizou o texto grego estabelecido por Long⁶. Assim:

Pirro de Élida era filho de Pleistarco, segundo narra Dioclés. Como disse Apolodoro, nas Crônicas, primeiro foi pintor e escudou [as aulas] de Brisson [ou] de Estilpo e, depois, de Anaxarco, de acordo com Alexandre, nas Sucessões. Tendo acompanhado o último por toda parte, entrou em contato com os gimnosofistas, na Índia, e com os magos [persas]. (*D.L.* IX, 61).

⁴ Todas as citações nesse parágrafo são de: ‘LONG, A. A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética Helenística*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007’.

⁵ Ver: ‘GRIFFIN, M. *Cinismo e romanos: atração e repulsa*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007’.

⁶ LONG, H. S. *Diogenes Laertii vitae philosophorum*. Oxford: Oxford University Press, 1964; vol. 2.

Uma passagem sem maiores problemas. Atentemos para a suposta filiação atomista de Pirro, sob Anaxarco, com quem teria visitado os gimnosofistas (provavelmente jainas) na Índia⁷, e também para as fontes: o cínico biógrafo de filósofos, Dioclés de Magnésia (*circa* 75 a.C.) que somente fornece o nome do pai de Pirro, algo importante por razões censitárias, porque assim poder-se-ia confirmar a cidadania de Pirro em Élide; e Apolodoro que, ou foi o gramático ateniense discípulo dos estoicos Diógenes da Babilônia e Panécio de Rodes, e do gramático Aristarco da Samotrácia — por sua vez discípulo do gramático e bibliotecário alexandrino Aristófanes, que compilou Homero e criou o sistema de inflexão usado no grego para auxiliar na pronúncia —, ou foi o filósofo epicurista (*circa* 150 a.C.) líder de sua escola em Atenas e apelidado de Κηποτύραννος, dada a supremacia que o epicurismo atingiu sob sua liderança. Mas considerando o fato de que nosso Apolodoro em *D.L.* IX 61 escreveu ‘*Crônicas*’, provavelmente trata-se do epicurista, além disso, sabe-se que havia certa admiração de Epicuro por Pirro, o que justificaria o fato de que o que Apolodoro nos diz aqui sobre Pirro vincula-se à hipótese de que Pirro teve uma vida perfeitamente normal, desempenhando inclusive o exercício de uma τέχνη: a ζωγραφία. Ao passo que se a fonte fosse outra (estoica ou talvez acadêmica, por exemplo) não perderia a oportunidade de dizer que Pirro viveu de modo estranho por conta de seu viver/filosofar. A terceira fonte é Alexandre Polyhistor, autor das Διαδοχαῖς no séc. I a.C. Devemos observar que as três fontes aqui citadas são pelo menos cento e vinte anos posteriores a Pirro.

Continuemos com o passo *D.L.* IX 61:

Disto decorre [ser o pirronismo] o mais nobre filosofar: por ter introduzido em seu modo de vida os estados de inapreensibilidade e de suspensão de juízo (τὸ τῆς ἀκαταληψίας καὶ ἐποχῆς εἶδος εἰσαγαγόν), como diz Ascânio de Abdera. Sendo assim, nada dizia ser nem belo, nem feio, nem justo, nem injusto, mas, igualmente, sobre todas as coisas, afirmava nada ser em verdade (ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῇ ἀληθείᾳ), mas todos os homens agirem segundo a convenção e o costume; pois cada coisa não é mais isso que aquilo (οὐ γὰρ μᾶλλον τόδε ἢ τόδε εἶναι ἕκαστον).

Aqui destacamos primeiramente a fonte: Ascânio de Abdera, discípulo direto de Pirro que atribui ao modo de vida do mestre — ou seja, em âmbito prático, e não teórico — a

⁷ Para mais ver nosso: ‘BRITO, R. P. *Pirro e Índia: similaridades entre pirronismo e jainismo*. In: Revista Alétheia, vol. 1/2, janeiro a julho de 2011’.

ἀκαταληψία e a ἐποχή, dois conceitos problemáticos neste passo porque são vinculados diretamente ao estoicismo, cujo fundador, Zenão de Cítio (circa 334- 260 a.C.), é em torno de trinta anos mais jovem que Pirro. Assim sendo, das quatro uma: ou Ascânio está introjetando o vocabulário estoico em sua própria interpretação da filosofia de seu mestre; ou está assumindo deliberadamente esse vocabulário; ou está pretendendo a precedência de Pirro no uso do vocabulário e, portanto, a antecedência de Pirro a Zenão e ao estoicismo; ou de fato Pirro utilizou esse vocabulário porque talvez já estivesse disponível, ou porque talvez fosse mesmo seu criador.

Desejamos descobrir um caminho nessa discussão até então aporética, assim, verificamos as ocorrências de κατάληψις (apreensão) e de ἐποχή.

Começando pela κατάληψις, trata-se de um vocábulo de uso comum, e não exclusivo do jargão filosófico, desse modo, temos cerca de catorze ocorrências segundo LSJ⁸. Começando pelos usos de âmbito militar, algumas dessas ocorrências são: uma em *Tuc.* 3.33, significando “tomar de assalto”; uma em *Ar.Nu.* 318 com o mesmo significado; uma em *Isoc.* 9.69, referindo-se ao direito do rei de “tomar posse” de algo; em Platão, *Górg.* 455c, e *Rep.* 526d, ambos falando sobre a tarefa dos guerreiros de erguer acampamentos e “ocupar” lugares; o mesmo significado militar aparece em *Dem.* 19.21 e em *App BC* 4.14.

Agora, os usos de âmbito médico: em *Hp. Off.* 9 e 11, tratando do ato de “segurar” bandagens para fazer curativos, e também “segurar” os instrumentos médicos; em *Gal.* 6. 152; 17. 423, referindo-se à “contenção” da respiração e do esperma, respectivamente.

Há também uma ocorrência musical que se refere à pausa que se faz ao “segurar-se” as cordas da lira em *Ar.Nu.* 317.

No âmbito filosófico estrito, onde κατάληψις é um conceito que se refere à apreensão e é utilizado como critério epistemológico (porque propicia a adesão à verdade) e como critério ético (porque propicia a adesão à ação correta e conforme a verdade), temos as seguintes ocorrências: *Luc. Par.* 4, referindo-se à “apreensão” mental dos objetos celestes; em *Luc. Herm.* 81, referindo-se à “certeza” advinda pelo

⁸ LIDELL, H. G., SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of Roderick McKenzie.* Oxford: Clarendon Press, 1940. Doravante sempre citado como LSJ.

uso correto das sensações; em *Vit. Par. Vida de Cícero* 40, referindo-se à introdução do conceito à língua latina por Cícero.

Em todos os casos de uso filosófico remete-se à filosofia estoica, não há nenhuma ocorrência que trate da *κατάληψις* ou da *ἀκαταληψία* como conceitos de Pirro, exceto a citação de Ascânio de Abdera por Diógenes em *D.L.* IX 61. Temos assim razões suficientes para questionar a atribuição do uso do conceito de *ἀκαταληψία* por Pirro, mais provavelmente Ascânio equivocou-se por ter introjetado um conceito originariamente estoico, deixando-o aparecer em um comentário sobre Pirro; ou voluntariamente afirmou a precedência de Pirro no uso do conceito, antes mesmo de Zenão. De todo modo, trata-se de um engano.

Quanto à *ἐποχή*, também vigente no discurso ordinário, mas de uso muito mais amplo que a *κατάληψις* acima, tínhamos cerca de trezentas ocorrências extraídas de LSJ e da base de dados *Diógenes* quando desistimos de contar, indo desde a “retenção” de esperma no uso médico (*Gal.* 8. 420), passando pela “suspensão” de pagamento no uso financeiro (*PRyl.* 214. 34), e também pela “suspensão” das alianças no âmbito da diplomacia e da estratégia militar (*Plb.* 10.23.4, e 38.11.2), chegando até o uso filosófico que nos interessa aqui e o único sobre o qual falaremos, cujas ocorrências mais significativas, além de Sexto Empírico e Diógenes Laércio, são: *Metrod.Herc.* 831.6, *SVF* II. i. 2. 71-81, *Acad. pr.* 2.18.59. Com a exceção de Ascânio em *D.L.*, nenhuma delas atribui *ἐποχή* à Pirro, assim, pensamos que também essa atribuição se deve a um equívoco de Ascânio de Abdera.

Retornaremos mais adiante à questão sobre a apropriação desses conceitos pela filosofia. Passemos agora às asserções, também de Ascânio, de que Pirro (1) “sobre todas as coisas, afirmava nada ser em verdade” (*ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῆ ἀληθείᾳ*), (2) “pois cada coisa não é mais isso que aquilo” (*οὐ γὰρ μᾶλλον τόδε ἢ τόδε εἶναι ἕκαστον*).

Começando pela segunda asserção (2), não há maiores problemas nela, trata-se do uso de uma expressão (*οὐ μᾶλλον*) consagrada nos ceticismos antigos (especialmente no pirrônico) e que ocorre (mais a frente) tanto em *D.L.* IX 75, quanto em *P.H.* I, 188-192, por exemplo. Voltaremos à expressão depois, nesse momento vale ressaltar que ou Ascânio está novamente atribuindo retroativamente um vocabulário cético mais posterior à Pirro, ou Pirro de fato já dispunha desse vocabulário. Nossa opção é pela

segunda hipótese, considerando que Pirro era originalmente um atomista e que passou, portanto, algum tempo em Abdera, terra natal de Leucipo e Demócrito — os dois ‘fundadores’ dessa doutrina —, bem como do próprio Ascânio, e cidade sede dos atomistas, que já dispunham dessa expressão em seu vocabulário, como podemos ver em um fragmento doxográfico sobre os atomistas, curiosamente em *P.H.* I 213-215, passagem em que Sexto Empírico está a elucidar as diferenças e semelhanças entre o pirronismo e o atomismo: “... Demócrito, de acordo com alguns, infere que [o mel] não é na realidade nem doce e nem amargo, e pronuncia na sequência a fórmula “não mais” (οὐ μᾶλλον), que é uma fórmula cética”. Os céticos, contudo, prossegue Sexto, utilizam a expressão diferentemente do uso atomista, porque a usam para expressar sua ignorância (ἄγνοια) sobre se as aparências são de um modo mais do que outro, com conotação comparativa (de fato, μᾶλλον pode ser usado como o comparativo de μάλα)⁹. Ao passo que os atomistas a usam para denotar que a verdade não está no muito, no μακρός, porque o mundo macro, conforme se faz percebido aos sentidos, de forma passiva, é tão-somente fruto de arranjos de átomos, e os átomos são, eles sim, verdadeiros. Portanto, a verdade não está no macro, mas no μικρός, nas partículas ínfimas indivisíveis (ἄτομοι) que compõem o cosmos e que não podem ser percebidas pelos sentidos, mas são inteligíveis.

Considerando isso, podemos voltar à asserção dogmática negativa que Ascânio de Abdera atribui a Pirro, (1) “sobre todas as coisas, afirmava nada ser em verdade” (ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῆ ἀληθείᾳ). Novamente, considerando a filiação atomista de Pirro, é perfeitamente plausível que ele tenha dogmatizado, ainda mais se levarmos em conta os fragmentos de Demócrito¹⁰ sobre o conhecimento onde ele, assim como Pirro, asseve a sua impossibilidade:

⁹ Se usarmos a versão do pseudo-Aristóteles para o ‘Tratado do não ser’, de Górgias (in: *De Melisso, Xenófanes e Górgias*, apud. Cassin, 2005), veremos também lá o uso da fórmula οὐ μᾶλλον (ὥστε οὐδὲν μᾶλλον ἢ εἶναι ἢ οὐκ εἶναι τὰ πράγματα). Mas aqui não se pode reclamar uma antecedência a um tema pirrônico sextiano, uma vez que assim fosse Sexto Empírico não hesitaria em utilizar a versão de pseudo-Aristóteles, mas ele não o faz. Mais provável é que Sexto nem mesmo conhecesse essa versão. Apesar disso, considerando que a fórmula é constante na oratória contemporânea a Górgias, é possível que Pirro, ao usá-la estivesse remetendo-se ao uso atomista da fórmula e ao uso sofisticado, simultaneamente, mas mesmo essa interpretação é frágil se levarmos a sério os relatos doxográficos que narram que Pirro era avesso às disputas sofisticas.

¹⁰ Para mais ver a melhor, por ser a mais atual, compilação dos fragmentos dos atomistas: ‘TAYLOR, C. C. W. (org. & trad.). *The atomists: Leucippus and Democritus, fragments*. In: *The Phoenix Presocratics*. Toronto: University of Toronto Press, 2010.’

Frag. D15 (D.L. IX, 72): Quanto à realidade, não sabemos nada; pois ela está nas profundezas.

Frag. D16 (Adv. Log. I, 135): Por convenção o doce e por convenção o amargo; por convenção o quente e por convenção o frio; por convenção a cor; mas na realidade os átomos e o vazio.

Frag. D17 (Adv. Log. I, 136): Na verdade, não conhecemos nada firmemente, mas somente o que muda de acordo com a condição do corpo e das coisas que [nele] entram e põem-se contra ele.

Frag. D18 (Adv. Log. I, 136): Que na realidade não sabemos que tipo de coisa cada coisa é ou não é foi demonstrado muitas vezes.

Frag. D19 (Adv. Log. I, 137): Por esse princípio, o homem deve saber que foi posto fora da realidade.

Frag. D20 (Adv. Log. I, 137): Esse argumento também demonstra que na realidade não sabemos nada sobre nada, mas a opinião de cada pessoa é algo que flui.

Frag. D21 (Adv. Log. I, 137): Ainda, estará claro que conhecer que tipo de coisa cada coisa é na realidade é algo impossível.

Passemos agora ao passo *D.L. IX 62*:

Seguindo isso também na vida, não se desviava nem se guardava de coisa alguma que, por ventura, se encontrasse em seu caminho — carros, cães ou despenhadeiros —, nada confiando às sensações (*αἰσθήσεων*). Desse modo, segundo os testemunhos de Antígono de Caristo, era salvo pelos conhecidos que o acompanhavam. Enesidemo, por seu turno, dizia que ele filosofava segundo o discurso da suspensão de juízo (*ἐποχῆς λόγον*), mas que não agia de maneira imprevisível (*ἀπροοράτως*). Com efeito, viveu até os noventa anos.

Essa parte do passo IX 62 de *D.L.* é bastante emblemática do que dissemos outrora sobre as biografias antigas: mais do que relatar a vida do biografado, elas servem para enaltecer ou depreciar sua doutrina, seja elogiando sua atitude prática, seja reprovando-a ou afirmando sua inviabilidade, ainda mais se o biografado for um filósofo que, como Sócrates ou Pirro, pensa que filosofia e vida se confundem. Dessa forma, temos aqui claramente duas versões antagônicas sobre a ‘*Vida de Pirro*’, uma de Antígono de Caristo e outra de Enesidemo de Cnossos. Mas Antígono, apesar de contemporâneo de Pirro, era muito mais jovem do que ele e deixou-se cativar por Arcesilao e pelo ceticismo acadêmico, tendo sido seu discípulo. Assim, a versão de Antígono está longe de ser desinteressada, e ainda, se seu interesse for depreciativo, a oposição entre a academia e os discípulos imediatos de Pirro começa a desenhar-se mais cedo do que esperávamos, antes, portanto, da querela sobre o critério dogmático acadêmico (*πιθανός*) que envolveu os contemporâneos de Clitômaco (Fílon de Larissa e Enesidemo de Cnossos) que culminou com a deserção do último e o reavivamento do pirronismo.

Por outro lado, Enesidemo, cerca de três séculos posterior a Pirro, não pôde conhecê-lo e, assim como Antígono, tinha bons motivos para ser imparcial, afirmando que Pirro viveu a vida de um homem comum, que sua filosofia/vida é possível na prática, porque pretendia revivê-la em oposição ao dogmatismo eclético (meio estoico e meio peripatético) instaurado na academia por Fílon. Em suma, a discussão aqui entre Antígono e Enesidemo é aporética, não por que seus relatos sejam igualmente persuasivos e prováveis, pelo contrário, são ambos dissuasivos e improváveis. Então temos de desconsiderar aqui a pretensão à verdade, rejeitando ambos os relatos. Contudo, o único a asserir a *apraxia* de Pirro é Antígono, rejeitado, mas Enesidemo, embora também rejeitado, não é o único a asserir a possibilidade dessa ‘vida’. Desse modo, se excluirmos Antígono e Enesidemo, nos restam as fontes que alegam que Pirro viveu uma vida comum.

Ademais, se rejeitamos Enesidemo como muito tardio e imparcial, devemos rejeitá-lo também quanto à atribuição de *ἐποχῆς λόγον* a Pirro, o que de fato está de acordo com o que fizemos anteriormente na citação de Ascânio de Abdera por Diógenes no passo *D.L. IX 61*.

Sigamos com o passo *D.L. IX 62-63*:

Antígono de Caristo conta, em seus escritos sobre Pirro, estas coisas: no início era desconhecido, pobre e pintor; preservam-se, no ginásio de Élida, uns corredores com tochas [pintados por ele], que são medianos.

Isolava-se da sociedade (*ἐκπατεῖν*) e vagava solitário, raramente aparecia aos de casa. Agia assim por ter escutado um indiano reprovar Anaxarco [dizendo] que não poderia ensinar alguém a ser bom frequentando a corte real. Sempre falava na mesma compostura: se alguém o deixasse no meio de sua fala, para si mesmo concluía o discurso (ainda que tenha sido inquieto quando mais novo). Muitas vezes, narra [Antígono], afastava-se de casa sem avisar ninguém e vagava com quem quer fosse. E, quando Anaxarco caiu em um pântano, seguiu [andando] e não o socorreu. Aos que o censuravam, o mesmo Anaxarco elogiou sua indiferença (*ἀδιάφορον*) e impassibilidade (*ἄστοργον*).

O relato ainda é de Antígono de Caristo, que persiste na demonstração do viver imprevisível (*ἀπροόρατος*) que Pirro era conduzido por seu filosofar. Devemos ressaltar que em nenhum momento há a acusação de *apraxia* sobre Pirro, mas sim de imprevisibilidade (nosso correlato à *apraxia* em *D.L. IX 61-71*) que se deixa transparecer no isolamento, no vagar e falar solitário, mas já argumentamos que

Antígono não é confiável, por outro lado, mesmo que se argumente a favor dessa fonte, há que se notar que o próprio Antígono diz que a imprevisibilidade do comportamento de Pirro deve-se à exacerbação das consequências éticas do atomismo, expressas pelo vocabulário ético originalmente atomista: *ἀδιαφορία* e *ἀστοργία* (embora esse vocabulário seja mais tarde recorrente no ceticismo), após a suposta ida com Anaxarco à Índia.

Não podemos deixar de mencionar algo que possivelmente está implícito na acusação de imprevisibilidade feita por Antígono. O vocábulo que traduzo aqui por imprevisível (*ἀπροόρατος*) serve para denotar algo inédito, incomum, nunca antes visto, e é pouco utilizado. Mas uma palavra mais corriqueira que pode portar o mesmo significado e ser traduzida da mesma forma é *ἀφροσύνη*, que também pode ser entendida como loucura, contrária à *σωφροσύνη* (prudência ou sabedoria prática). Assim, se, segundo Antígono, Pirro aprendeu o comportamento imprevisível na Índia, talvez a afirmação implícita aqui seja que o modo bárbaro de vida aprendido seja insano, ou conduza à insanidade, de toda forma, algo que dificilmente poderia ser considerado um bem viver, mas que, destaque, origina-se não em uma postura cética, mas em uma exacerbação das consequências éticas do atomismo Helenístico, que é uma forma de dogmatismo negativo em teoria do conhecimento.

Vejamos o passo *D.L.* IX 64:

Certa vez, foi surpreendido quando falava consigo mesmo e, ao lhe perguntarem o motivo, disse que treinava para ser [um] homem de bem. Nas investigações (*ζητήσεις*), ninguém o menosprezava, pois falava extensamente e a propósito das perguntas. Por isso, também Nausífanos, quando era jovem, deixou-se cativar por ele. Teria dito, então, que se deveria seguir a disposição de Pirro, mas os discursos dele próprio. Nausífanos contava, com frequência, que também Epicuro se maravilhara com a maneira de viver de Pirro; quando era seu discípulo, perguntava continuamente sobre ele. Pirro foi de tal maneira honrado pela sua pátria, que lhe ordenaram sumo sacerdote e, por sua causa, votaram a isenção de impostos para todos os filósofos.

Passagem também sem problemas, destacamos outro relato em que Pirro fala sozinho, mas agora treinando discursos com vistas a se tornar um homem de bem através do reto uso da oratória, um exercício nada extravagante e bastante comum. Em seguida, ressaltamos a ocorrência da palavra *ζητησις*, perfeitamente plausível, tendo em vista que já era usada com o mesmo sentido que aparece aqui (investigação) em âmbito

histórico (ver: *Hist.* 2.44, 6.118; *Tuc.* 1.20, 8.66), trágico (ver: *Trach.* 55), jurídico (ver: *Lys.* 12.30, *Aeschin.* 1.43), e finalmente filosófico (*Teet.* 196d; *Crat.* 406a; *Apol.* 29c; *Tim.* 47a; *Fedr.* 244c; *Fed.* 66d), palavra que qualifica a δύναμις da filosofia de Pirro, a ponto de ter cativado Nausífanos, seu discípulo direto e nossa fonte aqui, que também foi mestre de Epicuro, que por isso lhe perguntava constantemente sobre Pirro. Ademais, Nausífanos é mais um a atestar a vida comum e a piedade de um Pirro que teria, inclusive, chegado a sumo sacerdote em Élide. Finalmente, outro ponto interessante na passagem é o relato de que, em sua pátria, em sua homenagem, “votaram a isenção de impostos para todos os filósofos”, mas nada indica que foi o próprio Pirro quem propôs isso, ou ainda que ele tenha votado, nem mesmo a favor, fato que se liga ao importante tópico do ‘afastamento das coisas públicas’, ou ἀπραγμοσύνη, que veremos em seguida, no fim do passo *D.L.* IX 64 e 65-66:

Teve, pois, muitos imitadores de sua vida alheia às coisas públicas (ἀπραγμοσύνης). Em relação a isso, Timão assim fala sobre ele no *Pítion* e nos *Silloi*:

Ó velho, ó Pirro, como e a partir de que encontraste uma fuga da servidão às opiniões e vacuidade dos sofistas?

E como te libertaste (ἀπαθής) dos grilhões de todo estratagema e da persuasão (πειθοῦς)?

Não te ocupaste destas coisas inquirir (μεταλλῆσαι): que sopros correm a Hélade, de onde [vem] cada coisa e o que alcança.¹¹

E, novamente, nos *Indalmoi*:

Isso, ó Pirro, meu coração deseja aprender, como, sendo mortal, facilmente conduzes uma vida tranquila (ἡσυχίης).

único guiando os mortais à maneira de um deus.¹²

Os atenienses honraram-no com a cidadania, segundo disse Díocles, por ter aniquilado o trácio Cótis.

Viveu piamente com a irmã, que era parteira, segundo atesta Eratóstenes em *Sobre a riqueza e a pobreza*, onde se conta que Pirro levava ao mercado galinhas e quiçá porquinhos e que limpava a casa indiferentemente (ἀδιαφόρως). Diz-se que, certa vez, lavou um porco devido à sua indiferença (ἀδιαφορίας). E tendo se encolerizado com alguém por conta de sua irmã — que se chamava Filista —, disse ao que o repreendeu que não daria prova de indiferença (ἀδιαφορίας) em se tratando de uma mulher. E quando se assustou, tendo sido atacado por cães, respondeu ao que o acusava que é difícil despir-se completamente do humano. Contra as coisas, é necessário, primeiramente, se possível, lutar pelas ações e, se não o for, pelo discurso.

¹¹ Fr. 48 Diels.

¹² Fr. 67 Diels. Compare com *Adv. Gram.* 305.

No fim do passo *D.L.* IX 64, cuja fonte não podemos saber ao certo se é Nausífanos ou Timão — mas, considerando que ambos foram convivas de Pirro, a incerteza não traz maiores problemas — há um relato do comportamento político de Pirro em que ele teria levado uma “vida alheia às coisas públicas” (ἀπραγμοσύνης), um tópico importante que demanda nossa atenção.

De acordo com LSJ, a ἀπραγμοσύνη consiste na abstenção da participação nas coisas públicas, a ocorrência mais antiga da palavra é *Ar.Nu.* 1007; em *Tuc.* 1.32, os corcíreus, ao pedirem ajuda à Atenas, desculpam-se pelo longo afastamento das coisas públicas, a ἀπραγμοσύνη que os distanciou dos vizinhos; em *Mem.* 3.11.16, Sócrates faz chacota de si mesmo, ironizando aqueles que o acusam de ἀπραγμοσύνη, dizendo que não pode participar das coisas públicas porque tem a vida pessoal muito atribulada, todos esses são empregos pejorativos do vocábulo e denotam uma espécie de irresponsabilidade social. Há também um uso que aparece em *Dem. Or.* 21.141 como um termo legal originariamente ateniense¹³, podendo ter uma conotação positiva que indicaria o recolhimento do sujeito que busca a reflexão filosófica, oposta à intranquilidade de uma vida com πολυπραγμοσύνη (curiosidade excessiva, mas que também pode ser oficiosidade; intrometimento em diversos âmbitos, *Rep.* 444b, por exemplo: as intromissões de Atenas em outras cidades, quando do seu imperialismo no séc. V, *Plb* 5.75.6).

No contexto da Guerra do Peloponeso, quando do pedido de ajuda da cidade de Segesta à Atenas, contra Selinonte, que contava com o apoio de Siracusa, em 415-413 a.C., Alcibíades, o amigo de Sócrates, decididamente a favor da interferência de Atenas na política siracusana, para expandir o império ateniense, dirigiu-se à assembleia e exortou o povo à apoiar a intervenção (que viria a ser um fracasso retumbante), de acordo com o ideal da πολυπραγμοσύνη que marcava as relações de Atenas com seus vizinhos, contra os apelos de Nícias que, por seu turno, aconselhava cautela, mas que foi

¹³ Ver: ‘TODD, S.C. *A Glossary of Athenian Legal Terms*. In: Lanni, A (ed.), *Athenian Law in its Democratic Context (Center for Hellenic Studies On-line Discussion Series)*. Republicado em ‘BLACKWELL, C.W (ed.). *Dēmos: Classical Athenian Democracy* (A. Mahoney and R. Scaife, edd., *The Stoa: a consortium for electronic publication in the humanities* [www.stoa.org]) edição de março 16, 2003’.

acusado por Alcibíades de incitar a ἀπραγμοσύνη¹⁴. Contudo, apesar da ἀπραγμοσύνη ser uma acusação, o acusador Alcibíades — após a incriminação pela profanação dos bustos de Hermes, da derrota de Atenas perante a frota unida siciliana, de sua traição ao fugir para Esparta e, sobretudo, da verificação de que, no fim das contas, os vaticínios de Nícias estavam corretos — passa a ser um exemplo negativo, e os atenienses parecem ter cada vez mais optado por absterem-se das decisões, por desilusão com as coisas públicas, talvez, e assim cada vez mais a ἀπραγμοσύνη se tornou uma postura política corriqueira entre a população, mas como sinônimo de σωφροσύνη, κοσμιότης, ἡσυχιότης, αἰδώς, que caracterizam a placidez e a honradez políticas, contra a ὕβρις do πολυπράγμων (e agora μαινόμενος) Alcibiades¹⁵. Além disso, talvez se recordando das representações que Aristófanes e Xenofonte haviam feito de Sócrates e de sua relação com as coisas da cidade, o povo ateniense passou a evocá-lo como um defensor da ἀπραγμοσύνη, que se tornou a marca dos cínicos¹⁶, uma postura alegadamente socrática, portanto, e largamente difundida posteriormente, no conturbado período Helenístico, sem quaisquer conotações pejorativas¹⁷.

Quanto a Pirro, somente graças à sua ἀπραγμοσύνη que ele pôde, segundo Timão, seu discípulo direto, em seus *Pítton* e *Silloi*, “encontrar uma fuga da servidão às opiniões e vacuidade dos sofistas” que eram abundantes nas ágoras, libertando-se dos

¹⁴ Ver: ‘JONES, P. V. (org.). *O mundo de Atenas, uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997’, especialmente o capítulo I; e ‘CARTER, B. L. *The quiet Athenian*. Oxford: Clarendon Press, 1986’.

¹⁵ Ver: ‘SCHOFIELD, M.; ROWE, C. *The Cambridge history of Greek and Roman political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000’.

¹⁶ No caso dos cínicos, a ἀπραγμοσύνη aparece em uma versão mais radical, como αὐτάρκεια. Sobre o cínico Diógenes de Sínope, por exemplo, diz-nos *D.L.* que vivia “sem cidade, sem lar, banido da pátria, mendigo, errante, na busca diuturna por um pedaço de pão” (*D.L.* VI 38, citando uma tragédia anônima, Fr. 984 Nauck). Para mais ver: ‘NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. São Paulo: Odysseus, 2009’. É possível que o sinopense tenha herdado sua versão da ἀπραγμοσύνη de uma fonte socrática, intermediária entre ele e o próprio Sócrates, Antístenes, que provavelmente começou a empreender a transformação da ἀπραγμοσύνη em αὐτάρκεια, o padrão cínico de virtude: “[Antístenes,] Vestindo apenas um manto, descalço, com uma sacola de esmolas no ombro, barba e cabelo em desalinho, segurando um cajado, buscava, por meio de seu exemplo, e não oferecendo nenhum outro fator de atração afora essa aparência miserável, conduzir os seres humanos à simplicidade da natureza.” (Antisthène, in: ‘*Dictionnaire des Sciences Philosophiques*, ed. A. Frank. Paris: Librairie Hachette, 1885’, p.76.) O antecessor filosófico de todos os que defendem o abandono das coisas da cidade, em uma versão mais moderada — como a ἀπραγμοσύνη de Sócrates, Nícias ou Pirro — ou mais radical — como a αὐτάρκεια de Diógenes de Sínope — foi Heráclito: “Heráclito de Éfeso (...) acabou por se tornar um misantropo (μισανθρωπήσας), retirou-se do mundo (ἐκπατήσας) e foi viver nas montanhas...” (*D.L.* IX 3). Novamente, por mais que se alegue que em *D.L.* não há a preocupação com a verdade, contudo, há a expressão de um senso comum que, de fato, achava que a marca distintiva de uma possível “vida” heraclítica seria a μισανθρωπία.

¹⁷ Ver: ‘REEVE, C. D. C. *Socrates in the Apology: an essay on Plato’s Apology of Socrates*. Indianápolis: Hackett Publishing Company, 1989’.

seus “estratagema [s] e da persuasão”. Por sua vez, há um trocadilho nessa passagem do poema de Timão (Fr. 48, Diels), evidente na escolha do verbo ἀπαθέω, que segundo LSJ significa “estar livre”, conjugado aqui na segunda pessoa singular do imperfeito indicativo ativo dórico-eólico contrato (= ἀπαθής), vocábulo que, se entendido como substantivo ou adjetivo nominativo masculino singular da primeira declinação, ao invés de entendido como verbo, significa literalmente “sem πάθος”, ou seja, imune àquilo que ocorre, no caso, os debates sofisticos, não se deixando persuadir, ao recolher-se na instância dos seus afazeres domésticos, evitando inquietar-se com os problemas cívicos (outra acepção da ἀπραγμοσύνη). E assim, Pirro não se ocupava dos boatos sussurrados pela Hélade, levando uma vida tranquila (ἡσυχίης) e semelhante à dos deuses (Fr. 67, Diels). Interessa-nos aqui notar também que Timão não usava a palavra ἀταραξία para referir-se à quietude de Pirro, seu mestre, mas sim ἡσυχία, porque a ἀταραξία não era utilizada pelo próprio Pirro, ela é, na verdade, um vocabulário originalmente epicurista, muito retroativamente atribuído por Estobeu (*Flori.* 7.31) a Demócrito. Sobre a afirmação de que os atenienses deram a Pirro a cidadania, que aparece no fim do passo *D.L.* IX 65, trata-se de uma confusão que Diógenes faz com o episódio do assassinato do tirano Cótis, pelas mãos de Pito, um discípulo de Platão, e não por Pirro.

Segundo o passo *D.L.* IX 66, cuja fonte é o astrônomo, filólogo e geógrafo cirenaico do séc. III meio estoico e meio acadêmico, Erastóstenes, Pirro “viveu piamente com a irmã”, e também executava as enfadonhas tarefas domésticas sem envergonhar-se disso, porque era indiferente (ἀδιάφορος). O trecho tem inclusive três ocorrências desse vocábulo: em um episódio em que Pirro limpava a casa indiferentemente (ἀδιαφόρως); em uma anedota em que ele lava um porco, tamanha era sua indiferença (ἀδιαφορίας); e no relato de que ele não conseguiu dar demonstração de indiferença (ἀδιαφορία) diante de um insulto que sua irmã teria sofrido. Mas Erastóstenes acrescenta que as falhas que ocorrem no desempenho da ἀδιαφορία devem-se à dificuldade de “despir-se completamente do humano”. Mesmo assim, uma ἀδιαφορία que se deixa transparecer em âmbito público só pode ser minimamente desempenhada justamente graças ao distanciamento desse mesmo âmbito público, através de uma ἀπραγμοσύνη que não significa de maneira nenhuma uma inação ou inatividade (ἀπραξία), porque não há a recusa da ação em si, Pirro desempenhava suas tarefas de âmbito doméstico, limpava a casa, ia ao mercado, ajudava sua irmã, somente

há a recusa da ação pública, que, além disso, é parcial, tendo em vista que Pirro foi durante algum tempo ativo em uma τέχνη, a ζωγραφία, e provavelmente foi também sacerdote em Élida, atividade para a qual era necessário um recolhimento, certa ἀπραγμοσύνη.

Nos últimos passos sobre a *'Vida de Pirro'* em *D.L.* IX 67-71 (os passos 71-108 referem-se a outros temas concernentes ao ceticismo), não há maiores problemas — em 67, 68 e 69 aparecem anedotas sobre Pirro; em 67 aparece sua predileção por Demócrito e Homero, de quem citava versos, segundo Fílon de Atenas; em 69 e 70 aparecem seu legado e as divisões subsequentes entre seus seguidores imediatos, que

[são] zetéticos, por examinarem a verdade de tudo; cétricos por investigarem sempre e nunca encontrarem; eféticos pelo estado após o exame, digo, a suspensão de juízo; aporéticos, por estarem em um estado de aporia em relação às próprias [noções], assim como em relação às dos dogmáticos; pirrônicos pelo Pirro...

Embora isso não seja algo totalmente verossímil, tendo em vista que seria preciso datar a formação da σκεπτικὴ ἀγωγή como anterior à Enesidemo, quando é mais provável que tivesse havido uma dissensão entre os companheiros de Pirro, que teriam se dividido em grupos após sua morte, algo que pode ser presumido pela recusa de Teodósio em ser tratado como pirrônico (no fim do passo *D.L.* IX, 70) — contudo, há no passo 68 a imputação, pelo estoico Posidônio de Rodes (*circa* 135-51 a.C.), mestre de Cícero, de imperturbabilidade (ἀταραξία) à vida de Pirro, como consequência de seu filosofar. Já argumentamos acima contra isso, é preciso então aqui dizer, a nosso favor, que Posidônio é uma fonte deveras tardia quando comparado a Timão, contemporâneo de Pirro que lhe atribuía ἡσυχία, não falando em ἀταραξία. Fato é que Posidônio está lidando com um vocábulo já disseminado em sua época para designar o tipo de felicidade negativa (como ausência de perturbação) que vem a se tornar vocabulário comum a todas as principais filosofias Helenísticas.

Ora, se estamos corretos em nossa análise, devemos encerrar observando que:

- 1- a *'Vida de Pirro'* é composta por um amálgama de fontes, contemporâneas ou não ao biografado, mais ou menos interessadas em um tipo de retrato, encomiástico ou depreciativo.

- 2- Pirro, como todo filósofo atomista, asseriu a impossibilidade do conhecimento, um tipo de dogmatismo negativo, conforme atestado ainda por *PE.* 14.18.1 – 5 e *Adv. Eth.* 140 (falando de Timão, que ostentava as mesmas teses que Pirro).
- 3- Possivelmente Pirro exacerbou ainda mais as consequências éticas extraídas da física e epistemologia atomistas após ter ido com Anaxarco à Índia.
- 4- Contudo, mesmo assim não incorreu em nenhum tipo de comportamento inaudito e imprevisível (*ἀπροοράτως*).
- 5- Além disso, rejeitamos também as atribuições de *ἀκαταληψία* e *ἐποχή* ao vocabulário de Pirro, bem como de *ἀταραξία*.
- 6- Por outro lado, a filosofia de Pirro pode ser entendida como uma forma de vida qualificada pelos conceitos de *ἀδιαφορία* (indiferença) e *ἀστοργία* (impassibilidade), resultados da percepção de sua própria *ἄγνοια* (ignorância, ver *Tusc.* 5.85), expressa pela fórmula *οὐ μᾶλλον*, porque após a *ζήτησις* (investigação), ele não pôde encontrar respostas. Assim, Pirro se abstém da participação das coisas públicas (*ἀπραγμοσύνη*), não deixando que elas o afetem, tornando-se *ἀπαθής* (apático) diante delas, o que o faz tranquilo (*ἡσυχίης*).

Em suma, Pirro conseguiu extrair consequências éticas positivas das asserções negativas acerca dos limites humanos da cognição.

II-Referências bibliográficas:

a- fontes primárias:

ARISTÓFANES. *Clouds*. In: *The Comedies of Aristophanes*. Londres: Bohn, 1853.

DECLEVA CAIZZI, F. (org.). *Pirrone testimonianze*. Nápoles: Bibliopolis, 1981.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of eminent philosophers*. HICKS, R. D. (trad.). Londres: William Heinemann, 1975.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *Praeparatio Evangelica*. Kindle edition.

GAZZINELLI, G. G. *A Vida Cética de Pirro*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1994.

- LONG, H. S. *Diogenes Laertii vitae philosophorum*. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary*, 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- PLATÃO. *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1920-1956.
- SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trad.). São Paulo: EdUNESP, 2013.
- _____. *Complete Works of*, 4 vols. BURY, R. G. (trad.). In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 2006.
- _____. *Outlines of Scepticism*. ANNAS, J.; BARNES, J. (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. *Against the Ethicists*. BETT, R. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1997.
- _____. *Against the Grammarians*. BLANK, D. L. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1998.
- TAYLOR, C. C. W. (org. & trad.). *The atomists: Leucippus and Democritus, fragments*. In: *The Phoenix Presocratics*. Toronto: University of Toronto Press, 2010.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Penopoleso*. KURY, M. G. (trad.). Brasília: Editora UNB, 2001.
- XENOFONTE. *Xenophon in Seven Volumes*. MARCHANT, E. C. (trad.). Marchant. Londres: William Heinemann Ltd., 1923.

b- comentadores:

- BETT, R. *Pyrrho: His Antecedents and his Legacy*. Oxford, Oxford University Press, 2000.
- BRANCACCI, A. *La filosofia di Pirrone e le sue relazioni com il cinismo*. In: GIANNANTONI, G. (org.). *Lo scetticismo antico*. Roma, 1981.
- BRITO, R. P. *Pirro e Índia: similaridades entre pirronismo e jainismo*. In: *Revista Alétheia*, vol. 1/ 2, janeiro a julho de 2011.
- BROCHARD, Victor. *Os Céticos Gregos*. São Paulo: Editora Odysseus, 2010.
- CARTER, B. L. *The quiet Athenian*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

- CASSIN, B. *O efeito sofisticado*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- COUSSIN, Pierre. *L'origine e L'évolution de L'EPOXH*. In: *Revue des Etudes Grecques*, n° 42, 1929.
- DECLEVA CAIZZI, F. *τῶφος: contributo allá storia di un concetto*. In: *Sandalion* n° 3, 1980.
- DESMOND, W. *Cynics*. Berkeley: University of California Press, 2008.
- GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GRIFFIN, M. *Cinismo e romanos: atração e repulsa*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.
- JONES, P. V. (org.). *O mundo de Atenas, uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LONG, A. A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética Helenística*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.
- NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. São Paulo: Odysseus, 2009.
- O' KEEFE, T. *Epicureanism*. Berkeley: University of California Press, 2010.
- REEVE, C. D. C. *Socrates in the Apology: an essay on Plato's Apology of Socrates*. Indianápolis: Hackett Publishing Company, 1989.
- SCHOFIELD, M.; ROWE, C (orgs.). *The Cambridge history of Greek and Roman political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

c- obras de referência:

- LIDELL, H. G., SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by. Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of. Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- TODD, S.C. *A Glossary of Athenian Legal Terms*. In: Lanni, A (ed.), *Athenian Law in its Democratic Context (Center for Hellenic Studies On-line Discussion Series)*.